



Heliete de Almeida Ribeiro Bastos,
presidente do Conselho Comunitário da
Asa Sul

AS OPINIÕES DO RENOMADO professor de urbanismo da UnB, Antônio Carlos Carpintero (publicadas no **JB** de 19/03/07), causam espanto por suas contradições. Sem ser urbanista, mas tendo que ouvir as opiniões desses importantes profissionais em assuntos de enorme variedade, quando de minha participação no Conselho de Preservação (Conpresb), e como representante do Conselho Comunitário

da Asa Sul, aprendi uma coisa fundamental: um mesmo assunto pode ser apresentado de diferentes maneiras, a depender dos aspectos que você propositamente elimina, e dos aspectos que você propositamente prestigia. É perfeitamente possível manipular uma proposta, um projeto, de forma a torná-lo palatável ou não, de acordo com os interesses envolvidos.

O professor Carpintero diz defender a "dinâmica da cidade", mas esquece completamente de considerar os interesses de seus moradores, quando discute a preservação de Brasília, ou a questão dos estacionamentos em subterrâneo nos Setores de Comércio Local do Plano Piloto de Brasília.

De um modo geral a sua posição é assemelhada à dos invasores de áreas públicas, dos especuladores, dos que tomam a iniciativa de "fazer a cidade com as próprias mãos", como já ouvi de outros urbanistas. Esses raciocínios do "...tem que criar vaga", "...tem que ocupar", "...tem que adensar", "...tem que construir mais" caracterizam exatamente a principal argumentação dos que vêm descaracterizando a cidade.

Do ponto de vista dos moradores, dos que habitam nas Superquadras e demais quadras residenciais do Plano Piloto, temos "blocos de razões" em defesa do projeto de Lúcio Costa, que vão muito além de qualquer ideologia modernista – que também apaixona e empolga os senhores urbanistas. Nós temos convicção – e experiência de usuários e moradores – de que o projeto original deve ser preser-

É possível manipular um um projeto, de forma a torná-lo palatável, ou não, de acordo com os interesses envolvidos

vado porque tem extraordinária qualidade, porque proporciona uma boa qualidade de vida a seus moradores.

O plano de Lúcio Costa deveria ser pensado por mais aspectos do que os urbanistas parecem pensar. Do ponto de vista dos moradores, vemos alguns urbanistas colocarem suas opi-

niões de forma a privilegiar a especulação, o capital, a ocupação desregrada, sem atentar para a qualidade de vida que deve ser preservada. A questão para nós não é apenas de opinião: nós seremos obrigados a viver com o resultado das más idéias e das concepções falaciosas. Nenhuma dessas discussões, para nós, é pouco relevante. É nossa vida que está em discussão!

Estamos a discutir a questão dos estacionamentos subterrâneos, sim, mas os aspectos preliminares dessa proposta já colocam absurdos que devem ser re-colocados aos urbanistas e gestores. A destruição das áreas verdes para a entrada e saída maciça de veículos é uma delas. As Superquadras vão encolher ainda mais, em favor de um comércio que deve ser local, e não virar um enorme conjunto de compras que nada tem a ver com a sua finalidade original. Essa proposta de estacionamentos subterrâneos é de uma prioridade duvidosíssima, em face de tantas carências por que passam a população de mais de 2 milhões de habitantes de Brasília (3,5 milhões, segundo o professor Carpintero). São obras caríssimas, que são destinadas a criar um

mercado de locadores de estacionamentos em uma situação distante das áreas com real crise de vagas: os setores centrais de Brasília. Eu não sou urbanista, mas sei disso perfeitamente.

A dinâmica das cidades, como vemos em São Paulo e Rio, na Cidade do México e tantas outras, é de continuada construção e destruição. Isso também nos é ensinado por outros urbanistas, que vêm as coisas no seu devido e amplo contexto.

Se o Plano Piloto de Brasília for entregue às forças cegas do mercado imobiliário, vamos ganhar o Rio de Janeiro de volta, mas sem o mar, e com todo o seu caos e fúria, um desastre ainda mais piorado pelo fato de a violência urbana atual estar fundamentalmente associada ao Estado omissivo, sem políticas públicas para promover a qualidade de vida em nossas cidades.

Há urbanistas que refletem essa falta de rumo. A comunidade deve ouvir os urbanistas, mas eles devem refletir uma compreensão ampla e ponderada de todos os fatores envolvidos, ou perderão sua credibilidade. Acredito que a comunidade é um desses fatores. Ou não?